

Igreja e sociedade

ALONSO GONÇALVES

Pastor da IB Memorial em Iporanga (SP)

Na Idade Média a igreja propagou sua supremacia nas diversas instâncias do pensamento: Da ciência à arte. O domínio do sagrado frente ao profano aprofundou ainda mais esta dicotomia, forçando a uma secularização que estava à vista. De fato ela veio com o advento do Iluminismo, movimento cultural-filosófico importante para o pensamento no Ocidente. Com os postulados do Iluminismo veio a crítica à religião e suas formas de expressão, tornando esta uma esfera obsoleta para o progresso humano. As democracias surgem, a ciência toma o lugar de Deus, a liberdade individual é acentuada, a matéria é domada, o universo é desvendado, o mundo torna-se um meio para se alcançar um fim no qual a depredação ambiental é justificada pelo progresso científico. Frente a isso, a Revolução Industrial torna possível a luta de classes: Ricos e pobres. Diante dessas mudanças, a Teologia formula discursos que adequam ou contestam esta forma de vida. A igreja é chamada a viabilizar maneiras de vivenciar a fé nesse universo pluralista.

O capitalismo, por enquanto, continua sendo a matriz econômica do Ocidente. Ele proporcionou a globalização, estabeleceu a mercadoria em detrimento ao humano, consolidou o mercado especulativo que não respeita governos, culturas ou povos, aprofundou a desigualdade entre as pessoas e favoreceu ainda mais os donos de capital.

Diante dessa análise macro do contexto, convém pensar nas posturas que as vertentes do cristianismo no Brasil tomaram/tomam para enfrentar este cenário. Vejo pelo menos quatro posturas: Protestantismo histórico, pentecostais, neopentecostais e Teologia da libertação.

No protestantismo a postura frente aos desafios da sociedade é de completa omissão. Isso se deve pelo fato de que o protestantismo dessacralizou o mundo, tornando-o utilitário, secular e passageiro. Espera-se pelo seu fim: A vida não pertence a este mundo, “somos

peregrinos aqui”, como ensina um hino do Cantor Cristão. Não poderia ser diferente, pois aqui o protestantismo de missão se caracterizou por afastar-se completamente da ação política. O foco foi centralizado no indivíduo: Convertendo o indivíduo, convertem-se as estruturas. A intenção era formar cristãos autônomos e críticos, daí a ênfase protestante na educação secular. Parece que isso não funcionou, e hoje há uma grande apatia por parte do protestantismo em relação à vida política do país. É claro que foram realizados esforços para se pensar o político no movimento evangélico, por exemplo a Missão Integral, mas esta ainda sofre de auto-afirmação.

No universo pentecostal clássico, a maneira de encarar o problema é ainda mais inconsciente. Com uma liturgia carregada de emoção, contraponto ao protestantismo histórico que tem na voz/razão a sua razão de ser, os pentecostais fazem um discurso de entrega e gostam muito de usar aquele versículo de que o “mundo jaz do maligno”. Com isso está patenteada a completa separação para com as circunstâncias sociais. Tem-se no culto o momento de catarse emocional: Lugar de presenciar a glória de Deus, e diante da glória de Deus as desigualdades da vida são pequenas. Além disso, a vida cristã é legitimada pela luta constante, pois é desta forma que o crente prova que está com Deus. O corpo do indivíduo torna-se um meio para aliviar o sofrimento do dia-a-dia, daí a oração por cura e o “falar em línguas”.

Com uma postura totalmente diferente do pentecostalismo clássico, os neopentecostais vêm se notabilizando pelo discurso de conquista e vitória financeira e física. Com o lema “o melhor desta terra é meu”, os neopentecostais fazem reuniões para empresários, fogueiras santas e campanhas financeiras. Com uma Teologia de prosperidade, os neopentecostais assimilam o capitalismo e transformam seus adeptos em participantes desse queijo.

Com a Teologia da libertação há um processo de conscientização do pobre e uma postura contestatória. Uma forma de denunciar e de reivindicar mais humanidade para com os pobres do continente. As pessoas não são demonizadas, mas sim as estruturas sociais.

A igreja é agência de transformação histórica (Robinson Cavalcanti). A ela é dado o poder profético frente às situações da vida. Como portadora do Reino de Deus, a igreja torna-se promotora da vida em suas diversas dimensões. Não é com posturas paliativas que será transformada esta realidade, mas com medidas concretas que tomem como centro o ser humano como imagem e semelhança de Deus.

Converter o indivíduo, não transforma um país. Minimizar as mazelas da vida e compensá-las numa liturgia, não resolvem o problema social. Adequar-se ao discurso capitalista agrava mais ainda a vida daqueles que não possuem nada. Conscientizar o pobre de seu estado já é um começo, municiá-lo de coragem e formas legítimas de lutar pela terra e pelo pão de cada dia é formar agentes transformadores de realidades.